

DESIGNAR E ARGUMENTAR EM TORNO DE UMA DIVISÃO “INTRANSPONÍVEL”

DESIGNAR Y ARGUMENTAR ALREDEDOR DE UNA DIVISIÓN “INFRANQUEABLE”

Eduardo Guimarães¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre uma relação entre *designação* e *argumentação*. Esta relação se apresenta pelo modo como os indígenas são referidos no texto pelos personagens do debate narrado pelo autor, e pelo embate argumentativo representado pela narrativa no acontecimento de enunciação do texto *Diálogo sobre a conversão do gentio* de Manuel da Nóbrega. As análises se fazem a partir de recortes relativos a dois aspectos do *Diálogo*: 1) a designação de *gentio*, *índio* e *negro*; 2) aspectos da argumentação dos dois personagens do *Diálogo*, Gonçalo Alvarez e Mateus Nogueira. O debate argumentativo, do texto narrado pelo autor, apresenta uma argumentação que sustenta a dificuldade da conversão pela “bestialidade” do indígena, ao que se opõe uma argumentação que apresenta a graça e a vontade de Deus e a igualdade dos seres humanos enquanto “bestas por natureza corrupta” como elementos da sustentação da possibilidade da conversão. Nesta argumentação joga de modo decisivo a metáfora do *ferreiro* e do *fogo*, significando a possibilidade de moldar aquele que resiste.

Palavras-chave: Enunciação. Designação. Argumentação. Gentio. Conversão.

Resumen: Esta investigación se propone a presentar una relación entre *designación* y *argumentación*. La relación se presenta por el modo como los indígenas son referidos en el texto por personajes del debate narrado por el autor, y por el embate argumentativo representado por la narrativa en el acontecimiento de enunciación del texto “*Diálogo sobre a conversão do gentio*” de Manuel da Nóbrega. Los análisis son hechos a partir de recortes relativos a dos aspectos de *Dialógo*: 1) La designación *gentío*, *índio* y *negro*; 2) aspectos de la argumentación de dos personajes de *Diálogo*, Gonçalo Alvarez e Mateus Nogueira. El debate argumentativo, del texto narrado por el autor, presenta una argumentación que sostiene la dificultad de conversión por la “bestialidad” del indígena, oponiéndose a una argumentación que presenta la gracia, la voluntad de Dios y la igualdad entre los seres humanos como “bestias por naturaleza corrupta” que actúan como elementos que sostienen la posibilidad de conversión. La metáfora del *herrero* y del *fuego* significa la posibilidad de moldear aquel que resiste, jugando un papel decisivo en esta argumentación.

Palabras clave: Enunciación. Designación. Argumentación. Gentío. Conversión.

Introdução

Nosso objetivo neste trabalho é apresentar uma reflexão sobre uma relação entre designação e argumentação. A divisão “intransponível” a que o título se refere não diz respeito, como se verá, a uma impossibilidade de relação entre *argumentar* e *designar*². Nas análises a serem apresentadas à frente, interessa também a constituição dos lugares de

¹ Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor visitante da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Membro do grupo de pesquisa sobre “saber urbano e linguagem” e coordenador da “Enciclopédia das Línguas do Brasil”, mantida pelo Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb).

² Tal como consideramos tanto a argumentação quanto a designação. Ver, por exemplo, Guimarães (2002, 2018).

enunciação, especialmente do lugar social de enunciação, o alocutor³. Para isso vou tomar o acontecimento de enunciação⁴ do texto *Diálogo sobre a conversão do gentio* de Manuel da Nóbrega⁵. Este texto significa de modo muito direto a construção dos lugares de alocutor, que considero decisivos na relação de argumentação. Vamos analisar no *Diálogo*, considerando o modo narrativo do texto, dois de seus aspectos: 1) a designação de *gentio*, *índio* e *negro*; 2) aspectos da argumentação dos dois personagens do *Diálogo*, Gonçalo Alvarez e Mateus Nogueira: estas argumentações constituem, efetivamente, a argumentação do narrador sobre a possibilidade da conversão do indígena naquela época. Trata-se de um texto cujo lugar social de enunciação (o alocutor) é agenciado pela conjuntura da colonização.

Quanto à designação, como era comum no século XVI, era possível se referir aos indígenas por duas palavras, entre outras, *índio* e *negro* assim como por *gentio*, mesmo que suas designações⁶ não sejam exatamente as mesmas. Para isso vou considerar um recorte⁷ que relaciona transversalmente as passagens em que o texto traz um ou outro nome.

Quanto à argumentação, vou considerá-la pela análise das argumentações dos dois personagens do *Diálogo*. Vou tomar, para isso, dois recortes: um inicial, no qual aparece indiretamente a configuração de duas posições, com duas direções argumentativas; e outro que se constitui em torno da metáfora do ferreiro enunciada pelo narrador, ao caracterizar seus dois personagens: Gonçalo Alvarez como “trombeta da palavra de Deus” e Matheus Nogueira como “ferreiro de Jesus Cristo” (HANSEN, 2010), tal como está no recorte (1) abaixo, em itálico.

Enunciação de uma divisão

O *Diálogo sobre a conversão do gentio* de Nóbrega (1556-1557) se enuncia como um diálogo entre Gonçalo Alvares e Matheus Nogueira que o narrador apresenta dizendo:

(1) *quero falar com meus Irmãos o que meu spirito sente, e tomarei por interlocutores ao meu Irmão Gonçalo Alvarez, a quem Deus deu graça e talento pera ser trombeta de sua palavra na Capitania do Spiritu Sancto, e com meu Irmão Matheus Nogueira, ferreiro de Jesu Christo* (HANSEN, 2010, p. 143, grifo nosso).

³ Categoria definida, entre outros textos, em Guimarães (2002, 2018).

⁴ A enunciação é, para mim, o acontecimento do funcionamento da língua. Nesta medida mantenho de Benveniste (1974) a consideração de que se trata do funcionamento da língua, mas diferentemente dele considero que não é o locutor que faz a língua funcionar, mas é o funcionamento da língua que constitui os que chamo os lugares de enunciação, inclusive o de Locutor, que passa a ter assim uma outra conceituação.

⁵ Vou tomar o texto do *Diálogo* da edição de Hansen (2010).

⁶ Para mim, Guimarães (2002, 2018, entre outros), *designação* não é sinônimo de *referência* ou *denotação*. A designação é o sentido de uma expressão, constituído enunciativamente.

⁷ A noção de recorte é inicialmente estabelecida por Orlandi (1984): “Recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim um recorte é um fragmento da situação discursiva”. Para a análise enunciativa tomo o recorte como um fragmento do acontecimento da enunciação.

Trata-se de um texto, já estudado por razões diversas, que discute a questão da conversão dos indígenas naquela conjuntura da colonização e evangelização no Brasil. O meu objetivo não é refletir sobre a questão da evangelização na história brasileira. A escolha do texto tem a ver com o fato de que ele traz um debate sobre a questão da evangelização, com interesse pelas condições específicas que apresenta. Trata-se de tomar um texto numa conjuntura específica relevante. Minha análise será uma sondagem⁸, segundo a conjuntura do texto, sobre os aspectos acima indicados. E sobre isso, busca-se a compreensão dos sentidos de argumentos-conclusões, e razões relacionadas com a designação dos nomes *índio* e *negro*, no texto.

As designações de *índio* e *negro*

O texto de Nóbrega traz uma “introdução” rápida do narrador, já apresentada acima em (1), e se constitui como um longo diálogo entre dois personagens, Gonçalo Alvarez e Matheus Nogueira, apresentados como dois amigos e interlocutores do narrador. Neste recorte inicial as primeiras enunciações dos dois personagens se dão logo depois do recorte específico (2), ainda do narrador:

(2) *Emtra logo ho Irmão Gonçalo Alvarez, tentado dos negros do Gato e de todos os outros e, meio desesperado de sua conversão, diga: [...] (HANSEN, 2010, p. 143, grifo nosso).*

Esta introdução é seguida pelos dois recortes específicos abaixo:

(3) Gonçalo Alvarez – Por demais hé trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarnizados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, hé pregar em deserto ha pedras. (HANSEN, 2010, p. 144).

(4) Matheus Nogueira – Se tiveram rei, poderão-se converter, ou se adoraram alguma cousa; mas, como nam sabem que cousa hé crer nem adorar, não podem entender ha pregação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crer e adorar a hum soo Deus, e a esse só servir; e como este gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fica nada (HANSEN, 2010, p. 144).

Na apresentação do narrador encontramos o objeto da reflexão da narração: *a conversão do gentio*, tal como grifamos em (2), que consta do título do texto *Diálogo sobre a conversão do gentio*⁹. O texto no seu todo é uma reescrituração por desenvolvimento do título, e o título uma reescrituração por condensação do texto, e coloca em pauta a conversão do gentio. Nas duas enunciações dos personagens, que seguem o recorte (1), encontramos um

⁸ A sistematicidade do procedimento de sondagem se caracteriza por ser um modo de “eleger” enunciados decisivos a serem estudados a partir de uma pergunta, de uma questão (GUIMARÃES, 2018).

⁹ Tal como o documento é apresentado na edição de Hansen (2010), o título aparece como uma anotação do serviço de documentação que acolheu o manuscrito.

aspecto que se mostrará relevante: em (2) o nome *negros*, na expressão *dos negros do gato*, é uma referência aos indígenas; em (3) *estes* reescritura *negros do gato*; em (4) a referência aos indígenas é enunciada reescriturada agora por *gentio*, que reescritura, ou é reescriturado, pelo nome *gentio* do título. Isto já produz uma atribuição de sentido, própria da época, que pode ser parafraseada por

(2') *Negros do gato são gentios.*

O que nos sugere a seguinte relação de atribuição de sentido como elemento que, com outros, constituirá, no todo do texto, sua designação¹⁰:

DSD-1

Gentios negros do gato.

Observemos estes aspectos com mais detalhe. O texto do narrador se refere aos indígenas pela formação nominal¹¹ *os negros do Gato*, ou seja, os gentios, segundo palavras do próprio texto, são referidos por uma expressão cujo centro de nomeação é o nome *negro*. Este termo é reescriturado por anáfora na fala de Gonçalo Alvarez por *estes*. E assim encontra-se uma predicação de uma enunciação de Alvarez a respeito dos negros do Gato:

(3') "*Estes [os negros do gato] são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar*".

Este recorte traz uma relação entre um argumento, *os negros do gato são bestiais por isso não lhes entra no coração cousa de Deus*, e uma conclusão (*os negros resistem à conversão*), como veremos mais à frente. Tomando a paráfrase (3'), pode-se observar que se constitui uma oposição entre *negros do gato* e *cousa de Deus (não lhes (reescrituração de negros do gato) entra no coração cousa de Deus)*. E há uma enumeração de predicados negativos aplicados a *negros do gato* que é retomada (reescriturada) por totalização pelo nome *gentio* da enunciação de Nogueira em (4).

Observemos mais de perto como entre a fala de Alvarez e a de Nogueira constitui-se um processo de reescrituração que leva a *gentio* do final da fala de Nogueira (em (4)). Esta, ao tomar a questão de Alvarez, reescritura *negros do gato* por elipse. Desde o *se tiveram rei*, há a elipse de *estes*, ou *negros do gato*. Neste predicado e nos subsequentes, o verbo está no plural, terceira pessoa, retomando, sem dúvida, o *estes* de Alvarez que reescritura *negros do gato*. No

¹⁰ A designação pode, como considero, ser apresentada pelo que chamo domínio semântico de determinação (GUIMARÃES, 2007), tal como o que se apresenta neste ponto. A relação X atribui sentido a, determina semanticamente Y pode ser apresentada X | Y, que pode ser apresentada em qualquer direção. Assim, por exemplo, X | Y ou Y | X são correspondentes.

¹¹ Tomo esta categoria no sentido de Dias (2018).

final da fala há um outro movimento de reescrituração que se faz pela substituição de *negros do gato* por *gentio*. Assim há um movimento de Nugueira de levar em conta o dizer de Alvarez, a sintaxe marca isso em certa medida. Mas com *este gentio* a questão transborda da sintaxe e toma toda a configuração própria da designação. *Este gentio* reescritura *negros do gato*, reescritura *estes*, reescritura as elipses, mas recoloca a identificação daqueles sobre quem se fala. *Gentio*, no singular, é um nome para todos os indígenas, como um predicado para todos eles. Não se trata somente de *gentio* | *negros do gato*. Quais são os outros que estão também predicados por *este gentio*?

Gentio não aparece no texto só como outro nome para *negro*. A enunciação de Nugueira não enuncia diretamente *negro*, substitui a palavra por *outra*. O termo *gentio* de Nugueira é, neste caso, um termo geral para *negros*, enunciado pelo narrador e, como se verá, por Alvarez, tal como será também para *índios*: “(5) Nugueira – Porque até agora não tem os *índios* visto essa diferença entre os Padres e os outros *christãos*” (HANSEN, 2010, p. 162, grifo nosso).

Aqui, em princípio, se poderia dizer que *índios* reescritura *negros*, que juntos são, no texto, reescriturados por *gentio* por totalização. Nesta medida, *negro* e *índio* são, no texto de Nóbrega, em certa medida, sinônimos. Assim *gentio* (presente também no título) não é só um predicado que se aplica a *índios* e *negros*, é um hiperônimo de *negro* e *índio*, voltaremos a isso um pouco mais à frente.

Mas aqui entra uma questão muito específica da construção dos personagens por Nóbrega. *Negro* é sempre o termo específico que aparece nas enunciações de Gonçalo Alvarez e *índio* o termo específico que aparece nas enunciações de Nugueira. Há uma divisão complementar entre enunciações com *negro* e com *índio*, que se relaciona aos lugares de enunciação. Considero este aspecto como relativo ao agenciamento dos alocutores.

Façamos aqui uma primeira reflexão sobre os lugares da cena enunciativa¹². Consideremos os lugares de locução *alocutor* e *alocutário*¹³. Tomada a cena do texto podemos considerar algo, que caracterizamos logo à frente, como

al-i ----- at-j
al-x ----- at-y
al-j ----- atk-i

¹² A cena enunciativa configura o agenciamento do falante em lugares de enunciação: Locutor (cujo correlato é o Locutário); alocutor (cujo correlato é o alocutário); e enunciador, que se relaciona com o que se diz e como. Sobre isso ver Guimarães (2018)

¹³ Abreviados: *alocutor* por *al* e *alocutário* por *at*.

Quanto à relação alocutor-x ----- alocutário-y, podemos caracterizá-la por aquilo que se diz no acontecimento no recorte (2) que significa Alvarez como “desesperado da sua conversão” (do gentio – *negros do gato*). Ou seja, este lugar de alocutor se caracteriza pelo sentido da conversão do gentio na *Terra de Santa Cruz*, que se põe em discussão no texto. O narrador fala aos jesuítas (“meus irmãos”), através de personagens jesuítas: “quero falar com *meus Irmãos* o que meu espírito sente, e tomarei por interlocutores *ao meu Irmão Gonçalo Alvarez* (...) do Spiritu Sancto, e com *meu Irmão Matheus Nugueira*” (HANSEN, 2010, p. 143). Este recorte caracteriza a ação dos Jesuítas pela pregação e pela ação direta e coloca como centro do *Diálogo* dúvidas dos jesuítas, mesmo que sejam também de muitos outros. Trata-se assim de uma alocação significada de um lugar social de dizer de *evangelizador*. Tem-se então: alocutor-evangelizador---alocutário-evangelizador.

Quanto aos lugares dos personagens que falam um ao outro na narrativa, há que se considerar dois lugares de alocutor, que falam do lugar do cristão tomado nesta relação de evangelização, e que são caracterizados pelas metáforas do autor, *trombeta da palavra de Deus e ferreiro de Jesus Cristo*. Vamos considerar essa diferença caracterizando inicialmente estes dois lugares, levando em conta as metáforas do narrador, de um lado, o de *pregador*, de outro, o de *missionário*. Representaremos essas relações, acima indicadas, como segue:

al-pregador ----- at-missionário

al-evang. ----- at-evang\colonizador¹⁴.

al-missionário ----- at-pregador

Retomemos a divisão entre *negro*, nas falas de Alvarez, e *índio*, nas falas de Nugueira, particularmente interessante porque se distribui complementarmente nas enunciações de cada um dos alocutores, pregador e missionário.

Em Alvarez encontramos (grifamos os nomes *gentio e negro*):

Gonçalo Alvares – (...) Mas tornemos ao proposito. Irmão Nugueira, por amor de N. Senhor que livremente e segundo o que entendeis diante de N. Senhor digais: que vos parece deste *gentio* segundo a experientia que tendes dele (...) (HANSEN, 2010, p. 148, grifo nosso).

Gonçalo Alvarez – (...) Ouvistes já disputar entre os Irmãos ou falar nisto, em que praticamos da conversão destes *gentios*? (HANSEN, 2010, p. 149, grifo nosso).

Gonçalo Alvarez – (...) Dizei-me, Irmão, por amor de N. Senhor, não há, entre meus Irmãos e Padres, quem este da parte destes *negros* (HANSEN, 2010, p. 150, grifo nosso).

Gonçalo Alvares – Pois [se] assim hé, que todos temos huma alma e huma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos huns, de que veyo estes *negros* serem tão bestiais, e todas as outras gerações, como os romanos, e os gregos, e os judeus, serem tão discretos e avissados? (HANSEN, 2010, p. 157, grifo nosso).

¹⁴ Considero aqui esta sobreposição já que o alocutor fala aos jesuítas e em consequência às autoridades portuguesas da época.

Nestes recortes, *gentio* é reescriturado por repetição e depois por substituição por *negros*.

Em Nugueira encontramos (grifamos os nomes *gentio* e *índio*):

Matheus Nugueira – Se tiveram rei, poderão-se converter (...) e como este *gentio* nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fica nada. (HANSEN, 2010, p. 144, grifo nosso)

Nugueira – E isso que aproveitaria se fossem christãos por força, e *gentios* na vida e nos costumes e vontade? (HANSEN, 2010, p. 152, grifo nosso).

Nugueira: – Porque até agora não tem os *índios* visto essa diferença entre os Padres e os outros christãos. (...) Porem, por vos fazer a vontade, vos contarei que já vimos *índios* desta terra com mui claros sinais de terem verdadeira fee no coração e amostraram-no por obra, (...) Quem vio na Capitania de São Vicente, que hé terra onde se mais tratou com os *índios* que nenhuma do Brasil, a morte gloriosa de Pero Lopes. (...) (HANSEN, 2010, p. 162-163, grifo nosso).

Nestes recortes, *gentio* é reescriturado por repetição e depois por substituição por *índio*.

Estes dois modos de reescrituração levam à seguinte relação de atribuição de sentido no texto, *gentio* atribui sentido a *índio* e *negro*:

DSD-2

<i>índio</i>		<i>gentio</i>		<i>negro</i>
--------------	--	---------------	--	--------------

Este DSD configura a relação de hiperonímia entre *gentio*, por um lado, e *índio* e *negro*, por outro.

O tratamento dos “naturais da terra” como *gentio* é dominante naquela época, nos textos da colonização, e tem sido objeto de muitas reflexões. Eu mesmo analiso aspectos desta questão em Guimarães (2018a, 2015). Por outro lado, a sinonímia *índio* - *negro* aparece com uma divisão de sentido importante, que desfaz a sinonímia (e afasta a hiperonímia) pelo modo como esta complementaridade da distribuição dos nomes, nas falas dos personagens, se constitui. Por outro lado, como veremos a seguir, esta divisão corresponde a uma diferença na argumentação de um e de outro.

Argumentação e designação

Começemos por relacionar argumento-conclusão¹⁵ no recorte que relaciona transversalmente as passagens com ou *índio ou negro e gentio*. Tomamos novamente neste recorte os recortes específicos (3) e (4). O recorte (3), fala de Alvarez, pode ser parafraseado por

(3'') Por demais há trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; POR ISSO pregar a estes, há pregar em deserto há pedras.

Levando em conta que *estes* reescritura *Negros do Gato*, podemos considerar que, no recorte (3), pela paráfrase (3'')

(3a) *os Negros do Gato são bestiais, não entendem nada sobre Deus, são violentos sustenta a conclusão.*

(3b) *POR ISSO pregar a estes, há pregar em deserto há pedras. (Ou seja, os gentios resistem à conversão).*

Nas condições do *Diálogo*, que trata das possibilidades da conversão, esta conclusão significaria a inutilidade da catequese, ou seja,

(3''') Por demais há trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, há pregar em deserto há pedras. PORTANTO [é argumento para] a catequese dos gentios é inútil.

Ou seja, o sentido do recorte (3) significa constitutivamente a conclusão *a catequese dos gentios é inútil*. O que pode ser observado a partir de outra paráfrase:

(3''') Por demais há trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, há pregar em deserto há pedras. PORTANTO [é argumento para] é impossível converter os gentios.

A relação argumento-conclusão é tal que o que é argumento é argumento desta conclusão, e vice-versa. Os enunciados de (3) ou (4) não são argumentos que podem ser aplicados a conclusões diversas. São argumentos enquanto desta conclusão e esta é conclusão destes argumentos.

Quanto ao recorte específico (4), fala de Nogueira, temos algo um pouco diferente. Tomando a parte final do recorte, que reescritura elementos da argumentação postos antes, temos “(4a) este gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fica nada”.

Que podemos parafrasear por

¹⁵ Tomo a argumentação, a partir do redirecionamento iniciado por Ducrot (1973, 1984, 1988, e outros) que define a argumentação como uma relação de significação, de sentido. No entanto, não se trata de pensar a argumentação como significação na língua, mas como significação produzida pelo funcionamento da linguagem, o que coloca no centro da questão argumentativa a enunciação ela mesma, e não como marcas na língua. Sobre minha posição ver Guimarães (2018). Um outro aspecto a considerar é que considero, assim, a possibilidade de analisar a argumentação de textos. Para isso tomo a posição que apresento sobre análise de texto em Guimarães (2011a). O texto é para mim uma unidade que integra enunciados, que são enunciados por integrarem o texto.

(4a') este gentio nam adora nada, nem cree nada, POR ISSO todo o que lhe dizeis (sobre Deus) se fica nada.

Que leva à mesma conclusão da argumentação de Alvarez: *a catequese dos gentios é inútil*, ou, mais especificamente, *é impossível converter os gentios*. Mas se observarmos a parte inicial do recorte vamos encontrar

(4.b) Se tiveram rei, poderão-se converter, ou se adoraram alguma cousa; mas, como nam sabem que cousa hé crer nem adorar, não podem entender ha pregação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crer e adorar a hum soo Deus, e a esse só servir. (HANSEN, 2010, p. 144).

Isto significa algo que se encontra em outros textos da época: os “índios” (“gentios”) não podem ser convertidos, tornados cristãos, porque não têm nenhuma autoridade, nenhuma lei, nenhuma divindade que reconheçam¹⁶.

Ou seja, em (4) significa-se algo como

(4') todos sabemos que os indígenas não reconhecem nenhuma autoridade, nenhuma lei, nenhuma divindade.

Consideremos, por outro lado, a seguinte paráfrase para o início de (4.b)

(4.b') Se tivessem rei, poderiam se converter; se adorassem alguma coisa poderiam se converter.

Tendo em vista o que identificamos pela paráfrase (4'), há que se considerar que algo está sendo enunciado de um lugar genérico (todos sabemos que). A este enunciador se contrapõe um dizer apresentado pela implicação (de um enunciador universal) *se tivessem alguma divindade então seriam convertíveis* (adorar alguma coisa então ser convertível), identificado pela paráfrase (4.b'), que apresenta condições para a conversão. Estas condições relacionam, de um lado, relações de poder (se tivessem rei), de outro, relações de crença, de fé (se adorassem alguma coisa).

Pelo recorte em questão, da fala de Nogueira, o texto significa, também, outra relação argumentativa. Considerando a paráfrase (4b'), sustenta-se que ter rei ou adorar alguma coisa torna possível a conversão. Afirmção posta como verdadeira no recorte considerado, não porque um *eu* ou um *nós* considera, mas porque é dada como própria da natureza das coisas. Trata-se assim de algo que se diz de um lugar de enunciador universal. O que se apresenta deste lugar de enunciador é contraposto por uma relação argumentativa concessiva, significada pelo articulador *mas*:

(4.2) Mas como não sabem o que é crer nem adorar... então todo o que lhe dizeis se fique nada,

¹⁶ Ver, por exemplo, Gandavo (1576) e Sousa (1587), que repetem em certa medida, esta argumentação, e outros. Eu mesmo tratei disso em Guimarães (2015, 2018a). Os textos de Gandavo e Soares de Sousa repetem, em certa medida, esta argumentação.

Que se apresenta como de um enunciador individual, sustentado pelo alocutor (caracterizado acima como al-missionário), um certo *eu*, enquanto lugar social do dizer.

A diferença fundamental aqui, na relação imediata com a argumentação de Alvarez, é que se apresenta concessivamente uma sustentação que seria, aparentemente, necessário não levar em conta e que coloca as condições para a conversão para um bom resultado da catequese. O enunciador-universal aparece por concessão, mas sua enunciação se coloca, na narrativa do *Diálogo*, numa forma que acresce a questão das condições que tornam possível a conversão. É importante, ainda, considerar que essa sustentação do enunciador universal toma como uma verdade o que é apresentado pelo enunciador genérico que significa “todos sabemos que não têm rei, não têm fé”.

Se acompanhamos o texto um pouco mais encontramos, por exemplo, mais à frente:

(5) Nogueira – quem não sabe que indo à guerra estes e tomando contrários os matarão e emterrão? E pera mais vos alegrar, tão bem vos direi que se vio na Mandisoba, onde se matavão huns índios Carijós, *outro índio*, que com o Padre andava, *oferecer-se com grande fervor e lagrimas a morrer polla fee*, só porque aquelles morressem christãos, e outros muitos casos particulares que acontecem cada dia, que seria largo contar (HANSEN, 2010, p. 164, grifo nosso).

Ou também:

(5.1) Nogueira - ...e vós quereis e os Padres, sem fazer milagres, sem saber sua lingoa, nem entender-se com elles, com terdes presumssão de apostolo e pouca confiança da fee do grão *velho Cayobi*, que deixou sua aldea e suas roças e se *veo morrer de fome em Piratininga por amor de nós*, cuja vida e custumes e obediencia a amostra *bem ha fee do coração!* Quem vio *vir Fernão Correa* de tão longe com *fervor de fé vir a pedir o bautismo* e depois de tomado levá-lo N. Senhor! E muitos outros da Aldea, os quais ainda que alguns não deixem a vida viciosa por exemplo de outros maos christãos que vem, todavia se cree delles terem fee (HANSEN, 2010, p. 162, grifo nosso).

Ou seja, Nogueira afirma, pelo relato de exemplos, a existência de convertidos (ver grifos nos recortes acima), o que questiona a argumentação preterida (parafraseada em (4.b’)) da sua argumentação inicial. E nesta medida suas falas vão construindo uma argumentação diferenciada da de Alvarez, apontando para a utilidade da catequese. Ao apresentar a existência de convertidos no recorte (5.1), o relato de Nogueira coloca o acontecimento de passagem, da conversão, o batismo. A fala de Nogueira conta, inclusive, casos em que os índios” pedem para ser batizados: “vir Fernão Correa... com fervor de fé vir a pedir o bautismo”.

Em torno da metáfora do ferreiro

Tomemos agora o recorte da metáfora do ferreiro anunciada pelas duas metáforas de Nóbrega (“trombeta da palavra de Deus”, Alvarez, e “*ferreiro de Jesu Christo*”, Nogueira).

Considero a metáfora como a fusão de uma reescrituração¹⁷. Um aspecto importante dessa fusão é que na medida em que uma expressão *A'* (*metáfora*) reescreve outra (*A*) e determina seu sentido, o sentido de *A*, pela simetria da reescrituração, significa na metáfora. A especificidade da metáfora advém dessa dupla determinação significada pela fusão. Não se trata de pensar separadamente o sentido de *A'* e *A*, indicando que um elemento *A'*, no todo do texto, atribui sentido a outro. A fusão produz um novo sentido¹⁸.

Começemos por uma contraposição entre os dois personagens onde a metáfora *ferreiro* é fundamental:

(6) *Gonçalo Alvarez - Tendes muita rezão, e não hé muito, (...) mas não deixeis de proseguir adiante, pois huma das obras de misericórdia hé ensinar aos ignorantes* (HANSEN, 2010, p. 155, grifo nosso).

(7) *Nogueira - (...) Façamos logo do ferro todo hum, frio e sem vertude, sem se poder volver a nada, pore, metido na forja, o fogo o torna que mais parece fogo que ferro; assi todas as almas sem graça e charidade de Deus sam ferro frio sem proveito, mas quanto mais se aqueita no fogo, tanto mais fazeis delle o que quereis* (HANSEN, 2010, p. 156, grifo nosso).

A partir de “mas não deixeis de proseguir adiante, pois uma das obras de misericórdia hé ensinar aos ignorantes” (da fala de Alvarez), Nogueira apresenta, por uma comparação, a diferença entre *ferro frio* e *ferro exposto à forja*, que se torna moldável, se ele se aguenta no fogo (uma outra metáfora, produzida na relação com a metáfora de *ferreiro*). Neste passo há que se considerar uma interessante reescrituração: *graça e caridade de Deus* é reescriturado por *fogo* que, por metáfora, significa a “*ignorância*” *pode ser modificada, os insensíveis podem ser salvos*.

Analisemos, então, a metáfora do *fogo*. Primeiro aspecto: como disse acima, ela está correlacionada à metáfora do *ferreiro de Jesus Cristo*, enunciada pelo locutor-evangelizador ao apresentar seus personagens no recorte (1). Para avançar, consideremos a fala de Nogueira no recorte (7). Essa fala enuncia uma comparação entre o ferro frio, duro, “sem virtude”, e o ferro colocado na forja (pelo ferreiro) que se torna moldável. Pela relação das duas metáforas, *ferreiro* é metáfora de *apóstolo de Cristo*, e significa aquele que torna, pelo fogo, o ferro moldável.

Podemos considerar, neste caso, que a nomeação como *ferreiro* reescreve *apóstolo de cristo*, determinando seu sentido: ferreiro | apóstolo de cristo. O elemento reescriturado na

¹⁷ Trato disso em Guimarães (2011b). Trato também do caráter argumentativo da metáfora em Guimarães (2012, 2018).

¹⁸ Lembro aqui, mesmo que a afirmação seja de uma outra época e pensada no interior de uma teoria da mudança de sentidos, a afirmação de Bréal (1897, p. 103): “A metáfora muda instantaneamente o sentido das palavras, cria expressões novas de um modo súbito”. O que eu busco por minha concepção sobre a metáfora é dizer como isso se dá, pensando a questão fora das posições clássicas e referencialistas. A caracterização do *súbito* de Bréal, de certo modo, sugere a relação da metáfora com o acontecimento.

metáfora, se apresenta como uma enunciação passada (elemento memorável¹⁹). No caso, ele é significado pela própria formação nominal²⁰ *ferreiro de Jesus Cristo* do narrador que se apresenta como da série de *apóstolos de Jesus Cristo*. E esta formação nominal é enunciada (memorável) no decorrer do texto de Nóbrega, exatamente como elemento de comparação para a ação dos jesuítas. É o que podemos, entre outras passagens, ver (como grifamos) em:

(7.1) Nogueira – *Muito mais á mister. Vede vós o que tinha hum dos Apóstolos de Christo que converterão o mundo e por ahí vos regereis. Primeiramente tinham muito espirito, tanto que ardião de dentro do fogo do Spiritu Sancto, porque, doutra maneira, como áde atear fogo divino em ho coração de hum gentio, ho que tem o seu hum caramelo? Há-de ter muita fee, confiando muito em Deus e desconfiando muito de ssi; há-de ter graça de falar mui bem a lingoa; há-de ter virtude pera fazer milagres quando comprir, e outras graças muitas que tinham os que converterão gente, e sem isto não tenho ouvido que ninguém se convertesse* (HANSEN, 2010, p. 161-162, grifo nosso).

E a enunciação de *ferreiro de Jesus Cristo* funde o sentido desta reescrituração e significa *apóstolo que age sobre os ignorantes para torná-los moldáveis e assim convertíveis*. O sentido da formação nominal *apóstolo de Cristo* significa aí modificada. A metáfora *ferreiro* significa *apóstolo* como um nome que identifica aquele que impõe uma modificação na condição que torna possível a conversão. O sentido dessa metáfora se relaciona com a caracterização do narrador “o qual, posto que com palavra nam prega, fá-lo com obras e com marteladas” (HANSEN, 2010, p. 143). Há que se considerar *marteladas* também como uma metáfora que significa o uso de uma força (não física). A metáfora do *fogo* vai na mesma direção. E aqui encontramos no próprio recorte (7) a relação de reescrituração em que *fogo* reescritura *a graça e a caridade de Deus*, fundindo a reescrituração na enunciação de *fogo*. Assim o moldável pelo fogo significa *a graça e a caridade de Deus*, na medida em que pela fusão da reescrituração *fogo* † *graça e caridade de Deus*. E esta formação nominal toma um sentido impositivo, o sentido de Deus passa a significar aquele que submete ao fogo que permite moldar.

Observando esta metáfora pelas relações de sentido da temporalidade do acontecimento (passado, presente, futuro), podemos dizer que na fusão da reescrituração que produz a metáfora há dois elementos do processo de reescrituração de *A* por *A'* (a metáfora). *A* aparece como enunciado por um lugar de dizer genérico (consideremos a paráfrase, a elementos do recorte 7, *todos conhecemos a graça e a caridade de deus*) e *A'* por um enunciador-individual que o alocutor apresenta. *A graça e a caridade de Deus* (*A*) significa como uma formação nominal de enunciações passadas, que significa como enunciada no

¹⁹ Tal como considero (GUIMARÃES, 2002, 2018).

²⁰ Tomo esta categoria no sentido de Dias (2018).

acontecimento do texto por um enunciador genérico, este enunciador significa o reescriturado como de um passado de sentidos, mesmo que esteja dito.

Nesta medida a metáfora funciona por um passado de sentidos enunciado por um enunciador-gco, algo que aparece como já enunciado, que é reescriturado por fusão pela expressão metafórica que se dá no presente da enunciação e, assim, produz um novo sentido. Correlatamente a metáfora projeta um novo futuro de sentidos (a força de Deus no processo da conversão) e assim produz um movimento nos sentidos abrindo novas relações entre os elementos do texto.

Retornemos ao argumento do moldável de Nogueira. Ele se contrapõe concessivamente (observada a articulação do *mas* grifado em (7)) em “(7a) assi todas as almas sem graça e charidade de Deus sam ferro frio sem proveito, *mas* quanto mais se aqueça no fogo, tanto mais fazeis delle o que quereis.” (HANSEN, 2010, p. 161-162, grifo nosso).

Que podemos parafrasear como segue, tendo em vista o texto em que se integra este recorte:

*(7a') assi todas as almas sem graça e charidade de Deus sam ferro frio sem proveito, não são afetadas pela palavra de Deus.
-mas quanto mais se aqueça no fogo (em fusão com graça e caridade de Deus), tanto mais fazeis delle o que quereis e são assim afetadas pela palavra de Deus.*

A metáfora do fogo como a vontade de Deus apresenta o argumento como decisivo significando que a ignorância deixa de ser uma impossibilidade pelo caráter impositivo da força que torna moldável o gentio. Ou seja, esta argumentação se sobrepõe à argumentação inicial de Nogueira, “e como este gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fique nada” (HANSEN, 2010, p. 144), concordante com a de Alvarez.

Tal como consideramos²¹, a metáfora constitui uma força argumentativa particular e decisiva nos argumentos. Mais que isso, pode marcar um enunciado como argumento exatamente por ser metáfora.

Observemos no recorte (7) o modo de relação dos lugares de enunciação. A primeira parte da paráfrase (7a) retoma, em certa medida, a posição de Alvarez em (6), enquanto a segunda parte se coloca numa outra posição e indica a possibilidade da conversão negada no que se afirma na primeira parte. Podemos considerar aí, uma relação entre dois enunciadores distintos. Um primeiro, genérico, tomado como o que se considera, em acordo com o que vimos relativamente a (4), levando em conta a paráfrase (4b), que sustenta a impossibilidade da conversão, e o segundo individual, apresentado pelo alocutor-missionário do que se diz. Podemos dizer que temos algo como:

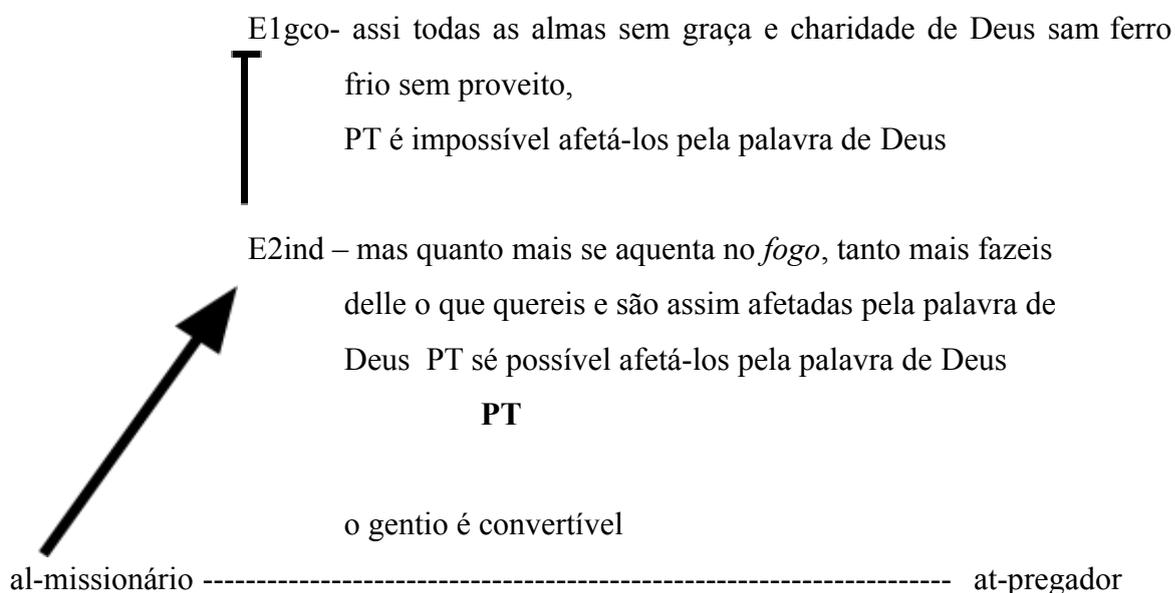
²¹ Sobre isso Guimarães (2012a, 2018).

(7b) E1-gco – assi todas as almas sem graça e charidade de Deus sam ferro frio sem proveito, [não são afetadas pela palavra de Deus.] [A]

E2-ind -mas quanto mais se aqueça no fogo, tanto mais fazeis delle o que quereis e são assim afetadas pela palavra de Deus [B]

E o que se diz do lugar de dizer do enunciador-individual, *mas B...* (acima), traz uma relação de quantidade constituída em torno e pela metáfora de *forja*, de *fogo*, de *ferreiro* de Jesus Cristo, e lhe concede força argumentativa particular. E esta gradualidade envolvida incide, exatamente, sobre a convertibilidade dos “gentios”.

Podemos dizer que a análise de (7) significa uma relação de alocação na cena enunciativa, que será melhor especificada à frente, e que representamos como segue. No diagrama a seta espessa significa *apresenta* e a seta simples interrompida significa *se opõe*.



Como analisar o sentido dessa metáfora da graça de Deus por *fogo* e seus desdobramentos? No texto, a metáfora *ferreiro* significa *aquele que torna alguém moldável*. E a metáfora *fogo* significa *a graça e a vontade de Deus*, enquanto o que “derrete” as resistências. Por outro lado o *ferreiro* principal é o próprio Deus (grifamos abaixo):

(8) Nogueira: – Da parte do gentio digo que huns e outros tudo são ferro frio, e que quando os Deus quizer meter na forja logo se converterão; e sse estes na fragoa de Deus fiquarão pera sse meterem no fogo por derradeiro, ho *verdadeiro ferreiro*, *senhor do ferro*, lá sabe ho porque... (HANSEN, 2010, 165, grifo nosso).

Em (8), *ho verdadeiro ferreiro* reescritura apositivamente²² *Deus*, e assim atribui-lhe sentido: *O verdadeiro ferreiro* † *Deus*. E nesta medida, o ferreiro é Deus e a metáfora do fogo é a vontade de Deus. Quando o *fogo* afeta o ferro (o gentio) ele se converte e quando não, não

²² Sobre a reescrituração apositiva, ver Guimarães (2018, 2012).

se converte. Explica-se assim tanto a conversão quanto a não conversão. Cria-se um modo de ligar o plano da intemporalidade de Deus e o tempo da história.

E Nogueira especifica, em outro recorte, o argumento, apresentado em (9), por solicitação de Gonçalo Alvarez (*Isso desejo saber mais claro*) que se correlaciona com uma outra pergunta: “Dizei-me, Irmão Nogueira, esta gente são proximos?” (3, p. 149). Nogueira diz que sim, o que vai na direção de sustentar sua argumentação: *se o índio é nosso (dos cristãos) próximo, então Deus pode afetá-lo com essa graça e caridade*. E ao fazer a especificação Nogueira coloca um argumento decisivo: todos são semelhantes, índios e outros. Isso Nogueira já colocara antes, em outro momento do diálogo com Alvarez: todos podem ser tocados pela vontade de Deus (a graça, a caridade de Deus), é o que se sustenta em

(9) Nogueira: – Pois estai atento. Depois que nosso pai Adam peccou, como dis o psalmista, não conhecendo a honrra que tinha, foi tornado semelhante à besta, de maneira que todos, asi Portugueses, como Castelhanos, como Tamoios, como Aimurés, ficamos semelhantes a bestas por natureza corrupta, e nisto todos somos iguais, nem dispensou ha natureza mais com huma geração que com outra, posto que em particular dá melhor entendimento a hum que a outro (HANSEN, 2010, p. 155).

E considerando que todos são iguais por “natureza corrupta”, Nogueira avança sua argumentação comparando os índios a um filósofo romano (recorte 10), depois de colocar que há uma diferença entre os mais e os menos dispostos à conversão.

(10) Nogueira: – Quanto mais inpedimentos hum tiver pera a comversão, tanto diremos que está menos disposto, e quanto menos do mal tem Deus que tirar delles, tanto mais dispostos serão (HANSEN, 2010, p. 166).

Gonçalo Alvares: – Ide adiante e provai isso.

Nogueira: – Contai-me o mal de hum destes e ho mal de hum philosopho romano. Hum destes, muito bestial, sua bem-aventurança hé matar e ter nomes, e esta hé sua gloria por que mais fazem. Ha lei natural nam a guardão porque se comem; sam muito luxuriosos, muito mentirosos, nenhuma cousa aborresem por má, e nenhuma louva[m] por boa; tem credito em seus feiticeiros: aqui me emçarrareis tudo. Hum philosopho hé muito sabio, mas muito soberbo, sua ben-aventurança está na fama ou nos deleites, ou nas victorias de seus inimigos; muito malisioso, que a verdade que lhe Deus ensinou, escondeo, como diz São Paulo 202; não guardão a lei natural, posto, que a entendão; muito vitiosos no vitio contra a natura; muito tiranos e amigos de senharear; mui cobisosos e mui temerosos de perderem o que tem; adorão idolos, sacrificião-lhe sangue humano, e senhores de todo o género de maldade: ho que não achareis nestes porque, segundo dizem os Padres que confessam, em dous ou tres dos mandamentos tem que fazer com elles; antre si vivem mui amigavelmente como está claro: pois qual vos parece maior penedo pera desfazer? (HANSEN, 2010, p. 166).

Nesta comparação de predicados atribuídos a *índios* (“*hum destes*”) e ao *filósofo romano*, o alocutor-missionário emparelha características. Começa pela diferença fundamental: Os índios são muito bestiais, “sua bem-aventurança hé matar”. Ao contrário, o filósofo “é muito sábio” (como está no recorte 10).

A caracterização dos índios se faz por uma enumeração que se inicia pelo predicado “bestiais” acima referido. Na caracterização do filósofo, o alocutor-missionário articula, ao predicado “*hé muito sábio*”, uma enumeração que se opõe concessivamente a este predicado:

(10a) mas muito soberbo, sua ben-aventurança está na fama ou nos deleites, ou nas victorias de seus inimigos; muito malisioso, que a verdade que lhe Deus ensinou, escondeo, como diz São Paulo; não guardão a lei natural, posto, que a entendão; muito vitiosos no vitio contra a natura; muito tiranos e amigos de senhorear; mui cobisosos e mui temerosos de perderem o que tem; adorão idolos, sacrificuão-lhe sangue humano, e senhores de todo o género de maldade (HANSEN, 2010, p. 166).

Na enumeração dos predicados negativos dos índios e do filósofo romano há alguns que se correspondem: a) “sua ben-aventurança hé matar” (índios); “sua ben-aventurança está na fama ou nos deleites, ou nas victorias de seus inimigos; muito malisioso, que a verdade que lhe Deus ensinou, escondeo, como diz São Paulo” (o filósofo romano); b) “Ha lei natural nam a guardão porque se comem” (índios); não guardão a lei natural, posto, que a entendão; muito vitiosos no vitio contra a natura (filósofo romano); c) “tem credito em seus feiticeiros” (índios); “adorão idolos, sacrificuão-lhe sangue humano, e senhores de todo o género de maldade” (filósofo romano).

Ou seja, a diferença significada entre a bestialidade dos índios e a sabedoria do filósofo não garante nada a este. Note-se que a articulação *A, mas B* que relaciona *ser sábio* a todos os outros predicados, negativos, é enunciada concessivamente: a caracterização do filósofo pode ser parafraçada por *embora seja sábio (A) gosta da fama e deleites, é malicioso, etc.(B)* Sem analisar em detalhe, opera aqui uma relação entre um dizer genérico (E-gco): *todos sabemos que os filósofos são sábios*, e um dizer que sustenta *mas eu te digo que eles gostam da fama e deleites, são maliciosos, etc.* Este um dizer de um enunciador individual que o alocutor-missionário apresenta expressamente. Por esta articulação, o argumento que sustenta a conclusão em *A mas B*, no caso, é *B*.²³

A argumentação de Nogueira, pelo movimento concessivo de que falamos, equipara *índios e filósofo*. O que por si é a sustentação da conclusão: *os índios não são piores que o filósofo, são, portanto, convertíveis*.

Resta ainda considerar um detalhe final. Entre esta argumentação sobre o filósofo romano e a pergunta que termina o recorte (10), “(10b) Nogueira – qual vos parece maior penedo²⁴ pera desfazer?” (HANSEN, 2010, p. 166).

²³ As análises argumentativas de articulações *A mas B* são um dos elementos que caracterizam a obra de Ducrot (1973, 1988, entre outros).

²⁴ Segundo nota da edição do *Diálogos* de Hansen (2010): “Penedo. No ms. “pimido”, termo desconhecido, erro do copista, por “pinedo” ao que parece. Não acertamos com outro vocábulo mais próximo, coerente com o sentido da frase — coisa confrontada, dura para desfazer: “Coisa de penedo ou dura como hum”.

Nogueira volta a considerar predicados atribuídos a índios entre os quais “(10c) “antre si vivem (os índios) mui amigavelmente como está claro” (HANSEN, 2010, p. 166).

Este enunciado se contrapõe ao argumento posto como decisivo ao se sustentar os predicados negativos do filósofo romano que estão em (10a) acima.

O argumento (10a) se contrapõe de modo decisivo às qualidades positivas do filósofo e assim leva a uma conclusão que significa na relação com este argumento negativo e predominante. Por outro lado, a ignorância dos índios é explicada como resultado de certas condições específicas que encontramos num recorte que vem antes no texto:

(11) Nogueira – E porem toda esta maneira de gente, huma e outra, naquilo em que se crião, tem huma mesma alma e hum entendimento, e provasse polia Escripura, porque logo os primeiros dous irmãos do mundo hum segio huns costumes e outro outros. Isac e Ismael ambos forão irmãos, mas Isac foi mais politico que ho Ismael que andou nos matos. Hum homem tem dous filhos de igual entendimento, hum criado na aldeã e outro na cidade; o da aldeã empregou seu entendimento em fazer hum arado e outras cousas da aldeã, o da cidade em ser cortezão e politico: certo está que ainda que tenham diversa criação, ambos tem hum entendimento natural exercitado segundo sua criação (HANSEN, 2010, p. 159).

Assim, esses elementos da análise caracterizam uma sustentação da conclusão *os índios podem ser mais fáceis de converter que o filósofo romano*, sua ignorância se deve às suas condições históricas de vida.

O último enunciado, (10b), no recorte (10) (de Nogueira) dá um final ao processo da argumentação na dialética do texto, sustentando que os gentios brasileiros são convertíveis, até mais que um filósofo romano. E isto se confirma pelo modo categórico da resposta de Nogueira que conclui o *Diálogo* “(12) Nogueira – Pollo que está dito bem clara está a resposta” (HANSEN, 2010, 166).

Que responde a uma pergunta de Alvarez feita como se não tivesse entendido: “(13) Gonçalo Alvares – De rroim gado não hai que escolher, mas todavia queria que me respondesseis às rezõis de riba mais distintamente” (HANSEN, 2010, p. 166).

A análise do recorte da metáfora do ferreiro, da forja, do fogo, apresenta assim uma contraposição entre os dois personagens jesuítas em torno de argumentos relativos aos desígnios de Deus e aos impedimentos que os não cristãos apresentam como resistência a estes desígnios.

Tal contraposição, enquanto relato do alocutor-evangelizador (narrador), apresenta um caráter de processo produzido por uma complementaridade da argumentação de um e de outro, produzindo-se uma argumentação que se apresenta como aquela sustentada pelo narrador: a argumentação de Nogueira.

É assim que esta contraposição caminha para a sustentação final de Nogueira em (12), que é, em certa medida, a posição sustentada, não simplesmente na discussão entre Alvarez e Nogueira, mas pelo próprio narrador, ou seja, pelo alocutor-evangelizador que sustenta, no relato, a argumentação atribuída a Nogueira. E o sentido da argumentação não se reduz a *o índio é convertível* (uma conclusão). Mas significa também aquilo que a sustenta (o argumento): a posição segundo a qual todos são iguais por natureza.

Considerações gerais

Pelas análises dos dois recortes, que configuraram nossa sondagem, vimos que, no texto de Nóbrega, pelas falas de Nogueira, o *gentio é índio*, e esta atribuição de sentido se relaciona com a argumentação da utilidade da catequese: os índios são como todo ser humano, e são assim convertíveis. Por outro lado o *gentio é negro* pelas falas de Alvarez, que insiste nas dificuldades da conversão, pelo caráter bestial dos índios.

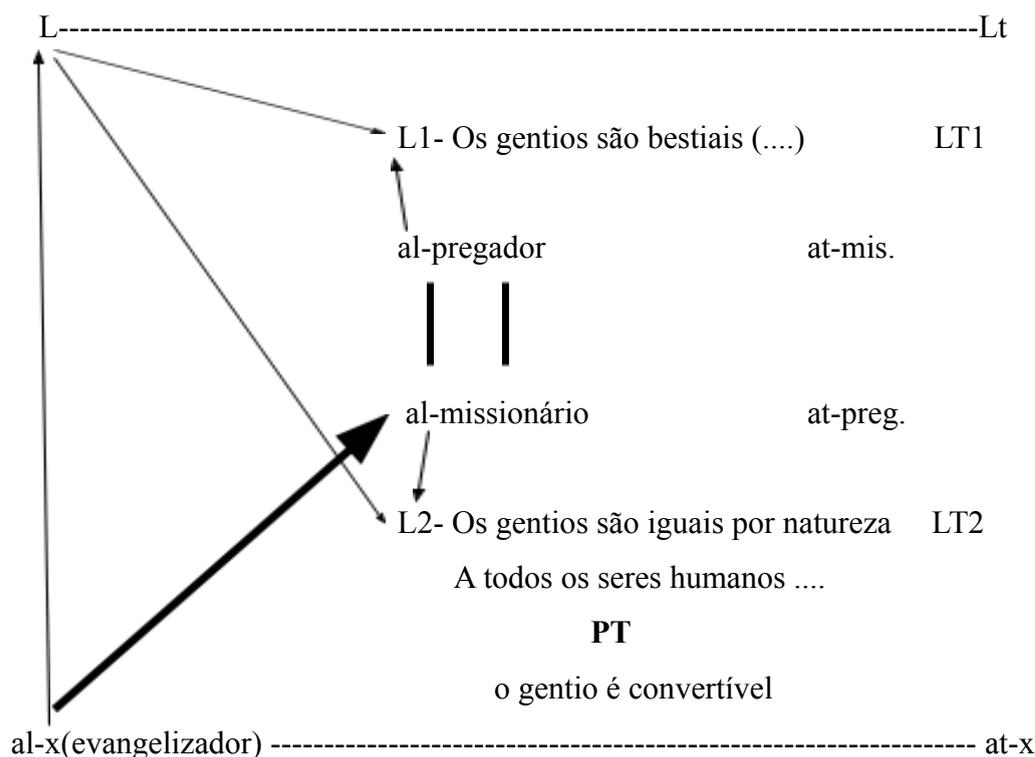
Posta esta correlação, e o cotejo dos contendores do *Diálogo*, procuraremos configurar na cena enunciativa os lugares de enunciação que constituem a alocação, levando em conta o que já foi posto anteriormente sobre isso.

A cena enunciativa²⁵ coloca uma relação Locutor (L) – Locutário (LT). Nesta, L conta a fala de outros dois Locutores (L1 e L2) (referidos como Gonçalo Álvarez e Mateus Nogueira), onde cada um é o Locutário do outro. Isto se apresenta diretamente no recorte (1). Como pudemos ver, estes dois Locutores, cujas enunciações são relatadas pelo *Diálogo*, se relacionam com dois alocutores (pregador e missionário) que concordam e discordam sobre o tema da discussão. Isto se configura na narrativa, inclusive, pela disjunção na enunciação dos nomes *negro* e *índio*, nas referências aos indígenas, enquanto hipônimos de *gentio*. Nesta disjunção, tal como se representa abaixo, consideramos que o alocutor-evangelizador (lugar que agencia o narrador) menciona o Locutor que relata, e apresenta o alocutário-missionário, o qual menciona o Locutor-2 (Nogueira) relatado pelo Locutor. Correlatamente o Locutor, mencionado pelo al-evangelizador, menciona o Locutor 1, mencionado pelo al-pregador (ver diagrama a seguir).

Por outro lado, observamos que a sustentação final é apresentada pelo narrador por uma fala de Nogueira. E o texto se configura como argumento para *os índios são convertíveis* em tais e tais condições (afetados pelo fogo do Ferreiro: Deus ou o missionário enquanto apóstolo de Jesus Cristo).

²⁵ Tal como conceituo em Guimarães (2002, 2018).

De outra parte, o alocutor-pregador, que menciona o Locutor-1 (Alvarez), relatado pelo Locutor, sustenta os argumentos da dificuldade da conversão e da catequese constituindo a oposição suficiente para a constituição da argumentação de Nogueira, que é, em última instância, do Narrador. Nesta medida o alocutor-pregador significa um domínio de argumentação em discussão com a qual se pode sustentar a possibilidade da conversão. O que acabamos de colocar pode ser representado como segue.



As relações entre X e Y se leem como segue: as setas simples, X menciona Y; a seta espessa se lê X apresenta Y; a linha se lê X se relaciona a Y.

No modo narrativo da dialética do texto não se trata propriamente de uma oposição entre os alocutores pregador e missionário, mas da argumentação do al-evangelizador que sustenta a existência de posições que é necessário refutar para sustentar a possibilidade da conversão do gentio.

Um aspecto fundamental a ser considerado é, nesta medida, o lugar de alocutor em que o falante está agenciado (enquanto narrador): o de alocutor-evangelizador. É fundamental observar que todo o texto se apresenta em torno da questão dos indígenas e da sua conversão. Assim o próprio sentido geral do texto, o que pode ser visto, nas condições do século XVI, como um modo de se discutir a questão da evangelização no processo de colonização do

Brasil, constitui um lugar de alocutor-evangelizador. A alocação se constitui assim entre um alocutor-evangelizador e um alocutário-evangelizador.

Quanto aos alocutores relativos aos Locutores 1 e 2 cujas falas se narra, sua divisão significa tanto uma divisão dos colonizadores (quem considera possível ou não a conversão e porquê) quanto ao conjunto dos gentios (denominados *índios* ou *negros*), segundo o objetivo da catequese. O texto refere àqueles que têm ou podem ter fé por *índio*, nas falas de Nugueira, produzindo uma nova divisão relativamente aos chamados *negros* das falas de Alvarez. Se *gentio* identifica e assim exclui o não cristão, *índio* identifica não o não cristão, mas o que pode ser cristão, diferentemente de *negro* que identifica, tal como o *gentio*, o não cristão enquanto resistente à conversão. Isto produz um sentido que opera um afastamento no sentido de *índio* relativamente ao sentido de *gentio*, constituindo, pelo acontecimento de enunciação, um deslocamento na relação hiperonímica: *gentio*, de um lado, e *índio* e *negro*, de outro.

Isto significa, constitutivamente, a distância entre os que se convertem e os que não se convertem, os *cristãos* e os *gentios*.

Conclusão

Na narrativa do *Diálogo*, Nóbrega simula um debate da época num texto no qual o alocutor-evangelizador apresenta e sustenta, especificamente, as argumentações do ferreiro de Jesus Cristo. Sustenta, assim, a semelhança de indígenas e todos os outros, a que se articula o argumento da vontade de Deus, o fogo do ferreiro que torna o ferro (os gentios) moldável.

A narrativa do *Diálogo* simula um debate da época. Desta maneira apresenta a construção de sustentações diversas. Entre elas, decisivamente, há uma que relaciona a bestialidade, a ignorância dos “gentios” à não conversão. Outra que relaciona a igualdade por natureza, e a vontade de Deus à convertibilidade dos indígenas. Esta argumentação é diretamente sustentada pelas metáforas relacionadas à metáfora do ferreiro, decisivas na sustentação de que os índios podem ser convertidos.

A possibilidade destas análises se deve diretamente à consideração da argumentação como significação sem reduzir esta posição à hipótese de que enquanto significação a argumentação está na língua. Tratou-se aqui de analisar o sentido da argumentação como uma sustentação produzida pelo acontecimento enunciativo, tal como temos feito. Esta posição é que torna possível realizar uma análise argumentativa de textos²⁶, considerando, ao mesmo tempo, a argumentação como significação.

²⁶ O texto é para mim uma unidade que integra enunciados, que são enunciados por integram o texto.

A divisão do real produzida pelas designações, analisadas na primeira seção do texto, é parte disso: *gentios* são identificados pelo sentido de *negros* de um lado e pelo sentido de *índios* de outro. E é como *índios* que são tomados como convertíveis na argumentação de Nogueira.

Na relação produzida pelo funcionamento do texto, *gentio* > *índio* – *negro*, a designação, correlacionada às argumentações dos dois alocutores (missionário e pregador) produz no texto de Nóbrega uma partilha do real na qual aquele designado *gentio* não faz parte. No entanto a distribuição de *índio* e *negro* faz uma outra partilha no texto, a dos que podem ser incluídos (os designados por *índio*) e a dos que não (a dos designados por *negro*). E isto tem a ver com o litígio argumentativo do texto, que, como se viu, é um debate que conclui pela possibilidade da conversão e assim pela “utilidade dos jesuítas” na colonização.

Em qualquer destas identificações, de redivisões do real, há uma divisão que permanece, o lugar dominante é o do cristão. Não está em questão deixar a diferença manter-se, senão como exclusão definitiva e irreparável do *gentio*. Não ser cristão será sempre estar fora, não ser considerado no “Reino de Deus”. Configura-se aí uma divisão intransponível que se sustenta numa igualdade natural de todos os seres humanos como “bestas”. Isto que, a partir da boa intenção dos evangelizadores, se formulou, significando os seres humanos como seres submetidos a um Deus ferreiro, o grande agente da forja que torna tudo moldável por sua decisão única e onipotente.

Referências

- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação (1974). In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica* (1987). Campinas: Pontes, 1992.
- DIAS, Luiz Francisco. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas: Pontes, 2018.
- DUCROT, Oswald. *Polifonia y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- _____. As escalas argumentativas (1973). In: _____. *Provar e dizer*. São Paulo: Global, 1981.
- _____. *O dizer e o dito* (1984). Campinas: Pontes, 1987.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *História da província Santa Cruz* (1576). São Paulo: Hedra, 2008.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. Domínio semântico de determinação. In: _____. *A palavra: forma e sentido*. Campinas: RG Editores, 2007.
- _____. *Análise de texto: procedimentos, análises, ensino* (2011a). São Paulo: Hucitec, 2012.
- _____. Uma hipótese sobre a metáfora (2011b). In: RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L. dos; BRANCO, L. K. A. C. (Org.). *Análise de discurso no Brasil: pensando o impensado sempre*. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas: RG Editores, 2011, p. 359-371.

- _____. Aposto e nome próprio. *In: Entremeios: revista de estudos do discurso*. Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí, 2012, v. 5, p. 1-8.
- _____. Metáfora e argumentação. *In: ZATTAR, Neuza; PRIA, Albano Dalla; MORALIS, Edileusa Gimenes. (Org.). Linguagem, acontecimento, discurso*. Campinas: RG Editores, 2012a, p. 11-22.
- _____. *Índio: um nome e um conceito. Uma análise semântico-enunciativa*. Campo Grande: UEMS, 2015.
- _____. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas: Pontes, 2018.
- _____. Política dos sentidos assimétricos. Ética e espaço de enunciação. *In: OLIVEIRA, Rosimar R. Rodrigues; OLIVEIRA, Sheila Ellias de; RODRIGUES, Marlon Leal; KARIM, Taisir Mahmudo (Org.). Linguagem e significação: práticas sociais*. Campinas: Pontes, v. 2, 2018a.
- HANSEN, João Adolfo. *Manuel da Nóbrega*. Recife: Editora Massangana, 2010.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento* (1984). Campinas: Pontes, 2001.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587* (1587). São Paulo: Hedra, 2010.

Recebido em: 13/10/2020; Aceito em: 07/11/2020.